

*Adiando seu tratamento, poderia ela gerar uma nova vida?*

# A opção de Barbara

Por BRYAN SMITH

**U**MA NÉVOA cinzenta cobria a cidade de Eugene enquanto Jeff Barton, 34 anos, passeava com o cachorro da família. A filha Taylor, 3 anos, chamou-o da porta.

– Mamãe quer falar com você!

*O resultado!*, pensou Jeff. Desde o nascimento de Taylor – após quase nove anos de infertilidade – o casal havia lutado para ter o segundo filho. O teste de gravidez caseiro dera positivo; agora aguardavam a confirmação da clínica. Quando entrou em casa, Jeff viu a mulher com o rosto molhado de lágrimas.

– Então, é negativo? – perguntou Jeff, baixinho.

– Não, eu estou grávida – disse Barbara. – Mas o exame revelou que

minha contagem de leucócitos está muito alta: mais de 200 mil. Preciso ver o médico o mais rápido possível.

Jeff e Barbara conheceram-se em 1980, quando trabalhavam num hospital. Jeff, atendente, reparou em Barbara Delaurenti, recepcionista de 22 anos, quando passava empurrando macas em frente à mesa dela. O que primeiro o atraiu foram os olhos – grandes e cor de chocolate. Depois, o senso de humor extraordinário. Durante os períodos mais calmos, ela deixava bilhetes tolos para ele ou o provocava, fazendo-o de bobo. *Lá vem ela de novo!*, pensava ele. Estava fisgado.

Passaram-se meses até Jeff tomar coragem e convidá-la para sair. Por fim, um dia ele gaguejou:

– Você gostaria de ir à praia?

– Adoraria! – respondeu ela.

Barbara e Jeff descobriram que ambos gostavam de caçar e pescar no Rio McKenzie. Compartilhavam profunda fé em Deus e gostavam muito de crianças. No homem tímido, com intensos olhos azuis, Barbara viu a força silenciosa que complementava sua alegria de viver.

Seis meses depois, ela observou que Jeff tomava coragem outra vez.

– Barbara – perguntou ele, com voz rouca, segurando-lhe a mão –, gostaria de se casar comigo?

– Ahn... – respondeu ela. – Preciso de um tempo para pensar.

Ele ficou paralisado – até que percebeu que ela o pegara de novo.

– Claro! – disse Barbara, com os olhos brilhando.

**E**XAUSTOS APÓS a noite sem dormir, o casal chegou ao consultório do doutor James Fitzgibbons, em 8 de dezembro de 1993.

– Barbara, você está grávida – disse o médico. – Mas tenho 99,9% de certeza de que tem leucemia.

As palavras do oncologista golpearam o casal como um punho fechado.

– É um diagnóstico muito grave e exige tratamento agressivo – continuou o médico. – Mas há esperanças.

Barbara estava na fase crônica; se a tratassem antes do estágio agudo, teria mais de 50% de possibilidade de cura. A melhor opção seria o transplante de medula óssea. A medula do doador produziria novas células sanguíneas, livres de câncer.

Mas havia um preço a pagar. O

procedimento exigiria que Barbara abortasse e também a deixaria incapaz de ter outros filhos.

O casal ficou imóvel, atordoado. Aborto, esterilidade – depois de tentar a gravidez durante tanto tempo! Não haveria maneira de adiar o tratamento, deixar o transplante para depois do parto?

– Talvez – respondeu o médico, lentamente.

Quanto mais tempo aguardassem, porém, maiores os riscos de que a doença avançasse.

– Se você continuar com esta gravidez – avisou Fitzgibbons, rudemente –, as conseqüências poderão ser graves.

Barbara e Jeff foram consultar o especialista em gravidez de alto risco do hospital. Ele propôs tratar a explosão de leucócitos, permitindo que Barbara adiasse o transplante até depois do nascimento. Admitiu que seria arriscado.

Para obter outra opinião, a empresa de seguro-saúde de Barbara recomendou o doutor Nelson Chao, diretor-assistente de transplantes de medula óssea na Universidade de Stanford, na Califórnia.

– Isso já foi feito antes – disse Chao. – Talvez dê certo, talvez falhe.

Barbara estava angustiada, rezando por um sinal.

– Tenho a impressão de que Jeff quer que eu aborte – confidenciou à melhor amiga, Piper Shanks, que também trabalhava no hospital. – Gostaria que ele simplesmente me dissesse o que fazer!

Mas Jeff nem pensaria nisso. A decisão tinha de ser dela, pensava ele. Se ela quisesse abortar, tudo bem – mesmo que ambos abominassem a idéia.

**P**OUCOS DIAS DEPOIS, durante o ultra-som de rotina, o técnico parou de repente.

– O que foi? – perguntou Barbara.

Então olhou para o monitor. Na tela, batiam dois corações. Barbara estava grávida de gêmeos. Ao lado dela, Jeff viu os olhos de Barbara faiscarem.

– Inacreditável! – exclamou ela.

Durante tanto tempo, quisera ter aquele filho. Agora havia dois!

Naquela noite, em casa, Barbara disse a Jeff:

– Não importa o que possa ocorrer, bebês nascidos de tanto amor e luta merecem uma chance.

– Barbara – disse Jeff –, amo você e quero que saiba que não precisa ter esses bebês. Mas ficarei a seu lado, não importa qual seja a decisão.

Por um instante, ela ficou em silêncio, exatamente como o fizera quando Jeff a pedira em casamento. Depois de respirar fundo, o mesmo brilho voltou.

– Suponho que você já saiba que eu quero ter essas crianças.

Os médicos traçaram a estratégia para reduzir a contagem de leucócitos de Barbara sem prejudicar os bebês. No procedimento, denominado

leucaferese, um centrifugador dividia o sangue de Barbara em seus componentes: hemácias, leucócitos e plaquetas. Os leucócitos eram removidos, e o sangue voltava ao corpo de Barbara.

Três vezes por semana, Jeff deixava Barbara no hospital para o tratamento e ia trabalhar. Com um tubo espetado sob a clavícula, Barbara observava o sangue fluir para fora de seu corpo, levando-lhe também a vitalidade.

Os dolorosos tratamentos tornaram-se insuportáveis, e os médicos resolveram tentar quimioterapia oral. A contagem de leucócitos de Barbara continuou a cair.

O resultado da amniocentese revelou que, até então, o tratamento não havia afetado os gêmeos – um casal. Descobriu-se que o irmão de Barbara, Bob, era doador de medula compatível. Quando ela estivesse pronta, os médicos em Stanford fariam o transplante.

Barbara começou a fazer colchas para os bebês. Uma delas tinha vaquinhas de chita, malhadas de preto, vermelho e marrom. A outra, rosas vermelhas e marrons que contrastavam com o céu azul.

Enquanto trabalhava durante horas no sofá, em casa, as preocupações de Barbara dissolviam-se nos ritmos simples da agulha e da linha. No en-

*Então ela  
olhou para  
o monitor.  
Na tela, batiam  
dois corações.  
Barbara estava  
grávida  
de gêmeos.*

tanto, o projeto era mais do que distração. No fundo da mente, ela queria algo especial que as crianças pudessem tocar, algo a que se apegassem – talvez para se recordarem dela.

No oitavo mês, a contagem de leucócitos de Barbara baixara de mais de 280 mil para cerca de 20 mil – próximo ao nível normal, que seria de 11 mil. Ela fizera a doença recuar. Jeff estava pasmo. *Barbara está voltando*, pensou ele.

Quando a data do parto se aproximou, as colchas estavam quase prontas, mas Barbara deixou-as de lado. Precisava conservar toda a energia para a luta que viria.

**N**A MANHÃ de 13 de julho de 1994, Barbara deu à luz um garoto e uma garota. De pé à beira da cama, Jeff acariciou-lhe o rosto.

– Como estão as crianças? – murmurou Barbara. – Estão bem?

– Estão ótimas – garantiu Jeff. – Tenho tanto orgulho de você!

As enfermeiras trouxeram os bebês, envoltos em mantas. Barbara e Jeff deram-lhes o nome de Hunter (caçador) e McKenzie, homenagem ao amor do casal por caçar e pescar no Rio McKenzie.

Gentilmente, Barbara aninhou um bebê em cada braço. McKenzie era bela, e no filho Hunter, mesmo tão pequeno, Barbara viu Jeff.

– Não há dúvidas quanto a isso – disse Barbara certa manhã, enquanto Hunter mamava. – Ele tem seus olhos. E seu apetite!

Pela primeira vez em semanas, Jeff começou a rir.

Em casa, Piper veio ajudar, alimentando e limpando os bebês enquanto Barbara reunia forças para o transplante. Poucos dias depois, percebendo que Barbara estava quase se arrastando, Piper colocou a mão na testa da amiga.

– Meu Deus! – exclamou. – Você está queimando!

– Estou ótima – protestou Barbara. – Só um pouquinho cansada.

Mas Barbara não se livrava daquela febre. Novo exame de sangue revelou que a contagem de leucócitos voltara a superar 200 mil. A leucemia tinha entrado na fase aguda.

O doutor Fitzgibbons falou sem rodeios:

– Você precisa do transplante imediatamente.

Em poucas horas, Barbara e Jeff corriam em direção a Stanford.

O DOUTOR CHAO aplicou em Barbara altas doses de quimioterapia, radiação e medicamentos imunossuppressores. Duas semanas depois, em 17 de agosto, o transplante foi realizado. Os médicos estabeleceram um período de recuperação de 100 dias. Se ela conseguir chegar lá, disseram, a possibilidade de recuperação completa será excelente.

**D**IAS DEPOIS, entretanto, Barbara contraiu citomegalovírus, que expõe pacientes de transplante a risco grave.

No Dia de Ação de Graças, ela já

estava muito fraca por causa da quimioterapia. O cabelo havia caído, e Barbara lutava contra náusea, fadiga e feridas na boca.

O único momento feliz foi quando Jeff, a mãe de Barbara e Piper trouxeram seus três filhos para uma visita. Pouco antes que Piper e os bebês chegassem ao hospital, Barbara tinha pedido a Jeff que a levasse à loja de presentes a fim de comprar para cada um dos gêmeos um ursinho de pelúcia. Então, com a energia recobrada, ficou deitada com os bebês adormecidos e os ursos, observando-os e acariciando-os. Jeff viu-lhe um brilho no rosto. Olhe para nossa bela família, ela parecia dizer. Como esta decisão poderia ser errada?

Por mais que Barbara lutasse contra a leucemia, o câncer avançava. Em dezembro, o doutor Chao disse a Jeff que as novas células de medula de Barbara se haviam voltado contra ela – distúrbio que podia ser fatal.

A poucas semanas do Natal, Jeff tomou uma decisão:

– Tudo o que você está fazendo aqui em Stanford pode ser feito também no hospital de Eugene – disse a Chao, com tristeza. – É melhor ela voltar para perto da família.

Quando Jeff voltou a Eugene, chamou a pequena Taylor para uma conversa e lutou para encontrar as palavras:

– Preciso falar com você sobre a mamãe – começou Jeff, ajoelhando-se em frente à menina. – Algumas vezes, Jesus precisa ter pessoas especiais com ele, pessoas que são muito importantes. Há uma possibilidade de que isso aconteça com a mamãe. Você entendeu?

A menininha balançou a cabeça.

– Ótimo. Agora, esperamos que mamãe ainda fique conosco durante muito tempo. Mas se ela tiver de ir embora, é preciso que você seja forte para ajudar o papai. Você consegue?

Outra vez, ela afirmou com a cabeça, abaixando os olhos.

– Vou sentir saudades da mamãe – disse, baixinho.

– Eu sei, querida – respondeu Jeff, abraçando-a. – Eu também.

Depois da transferência para o hospital em Eugene, Barbara queria visitar as crianças, que estavam com Piper. Enquanto Taylor ficava sentada ao lado da mãe, os bebês brincavam a seus pés e abraçavam-lhe a perna. Os músculos de Barbara estavam tão atrofiados que ela não conseguia pegar os bebês do chão. Mas podia aninhá-los nos braços enquanto mantinha Taylor a seu lado.

O estado de Barbara tornava-se cada vez mais grave. Um dia Jeff encontrou Piper no quarto do hospital.

– Deveríamos discutir alguns as-

*‘Se mamãe  
tiver de ir  
embora, é preciso  
que você seja  
forte para  
ajudar  
o papai. Você  
consegue?’*

– Você é um homem maravilhoso, Jeff Barton – disse ela. – E eu amo tanto você!

**N**UMA TARDE FRIA de janeiro, Jeff se encontrava no quarto do hospital. Tudo estava quieto, exceto pelo ruído ocasional de um aparelho intravenoso. A respiração de Barbara era difícil e pesada.

Jeff lhe acariciou gentilmente o braço. Ele sabia que Barbara estava morrendo. Lutando contra as lágrimas, mergulhou o olhar nos olhos pelos quais se apaixonara, emoldurados agora por profundos círculos cinzentos.

– Tudo bem, Jeff – disse Barbara, baixinho. – Não estou com medo.

Ela ficou em silêncio durante um longo momento, olhando para suas mãos entrelaçadas.

– Você está com raiva por eu ter feito essa opção?

Com os olhos cheios de lágrimas, ele mal conseguiu responder:

– Não. É claro que não.

– Ótimo – disse ela. – Porque tomamos a decisão correta. E eu faria tudo de novo.

suntos, só para garantir – disse ele às duas.

– Já pensei nisso – respondeu Barbara, calmamente.

Se algo ocorresse, Barbara queria que Piper ajudasse a criar os gêmeos. Eles estavam apegados a ela, e Barbara não queria que fossem afastados da mulher que os alimentara. Jeff concordou.

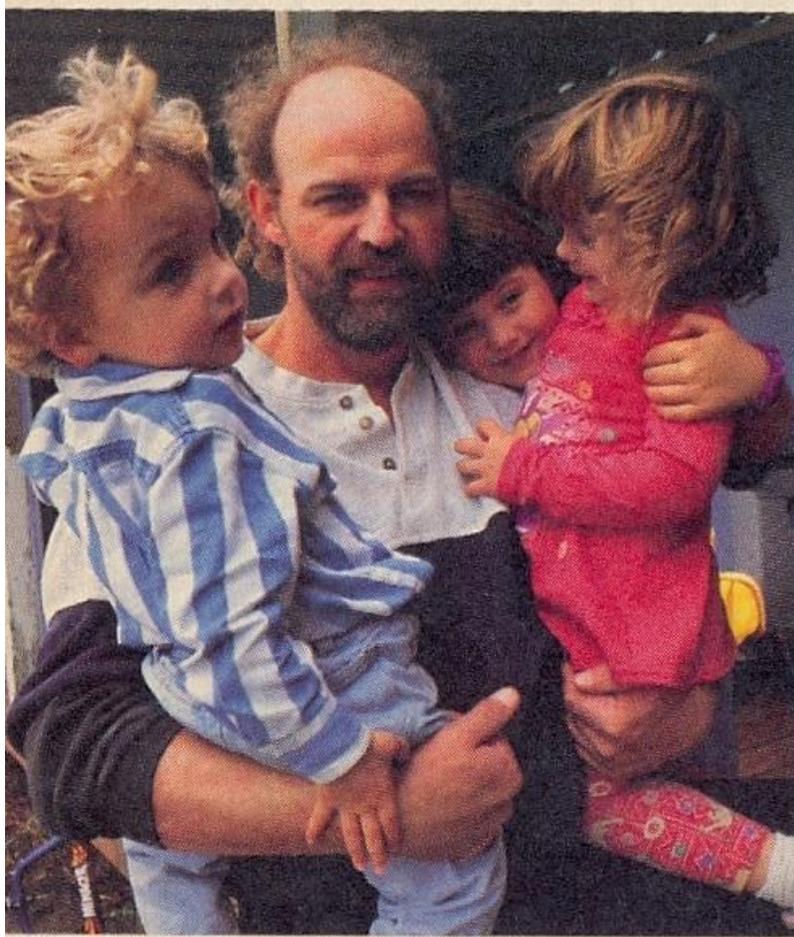
Quando ficaram sozinhos, Jeff sentou-se na cama da mulher.

– Farei o que for necessário, o resto de minha vida, para criar nossos filhos da maneira como você gostaria que eu fizesse – prometeu.

Tão fraca que mal conseguia levantar a mão, Barbara reuniu todas as forças para acariciar o rosto de Jeff.

---

*Em 22 de janeiro de 1995, Barbara morreu. Meses depois, arrumando um armário, Jeff encontrou uma caixa com duas pequenas colchas costuradas à mão. Uma tinha rosas vermelhas e marrons, a outra era um alegre estampado com vaquinhas. Dobrou-as com cuidado. Um dia, conversaria com as crianças sobre o amor derramado em cada ponto. \*\*\**



© DAN LAMONT

**Sonho de Barbara- Jeff e os filhos Hunter, Taylor e McKenzie.**